

## PSICANÁLISE FORA DO LUGAR: A BANALIZAÇÃO DOS CONCEITOS PSICANALÍTICOS\*

Luis Carlos Menezes\*\*

O autor, levando em conta o contexto atual em que se dá rápida expansão da psicanálise em nosso meio, considera algumas vertentes pelas quais, ao se banalizarem conceitos, criam-se modalidades descaracterizadas da clínica.

Destaca, nesta perspectiva, alguns conceitos que para ele são referências indispensáveis da clínica psicanalítica, como o de sexualidade e o de pulsão, o de inconsciente e o de transferência e examina a incidência de algumas versões "banalizadas" destes, sobre o fazer clínico. Faz a hipótese que nas correntes que não privilegiam tais conceitos, outros, fundamentalmente equivalentes, desempenham função semelhante.

A Psicanálise conheceu, nas últimas duas décadas, uma verdadeira "explosão demográfica" na América do Sul e na França; este fenômeno, hoje em refluxo na França, continua em franca expansão entre nós. Poderíamos interrogar nos sobre os efeitos e funções desta difusão na vida cultural sensu latu, como podemos nos interessar, e é neste sentido que preferi considerar o tema proposto, em avaliar a sua incidência sobre as modalidades de práticas clínicas e de conceituações da mesma.

Num contexto de descrédito crescente da referência estrita a "escolas" e de heterogeneidade de propostas institucionais, quando não "anti-institucionais", de formação, poder-se-ia temer que esta difusão acelerada comportasse o risco de descaracterização da prática psicanalítica. Ora, este risco existe tanto no interior das instituições tradicionais como fora delas, e a multiplicação de formações alternativas pode oferecer condições fecundas que nem sempre vão no sentido de um afrouxamento mas, ao contrário, por vezes, apresentam um maior rigor no trato das questões teórico-clínicas.

Independentemente de aspectos institucionais é preciso reconhecer, no entanto, que uma sólida tradição clínica constitui-se num terreno especialmente favorável para o desenvolvimento da Psicanálise, e não estou seguro que, em nosso país, possamos contar com esta retaguarda salutar. Acho, por isso, que pode haver uma certa precipitação na autopromoção, tão ouvida nos últimos anos, de uma "Psicanálise Brasileira": é certo que na medida em que se venha a desenvolver uma fecunda tradição clínica entre nós, esta terá traços de particularidades culturais nossas; por outro lado, o convite a uma disposição mais afirmativa no sentido de nos apoiarmos e de acreditarmos mais no que fazemos e pensamos, e a crítica à importação superficial de modelos cortados de suas fontes de elaboração, têm que ser mantidos. Não se pode, no entanto, perder de vista que a psicanálise só pode ter um desenvolvimento conseqüente, aqui como em qualquer lugar, na medida em que esteja inserida, ainda que de forma contraditório-positiva, às diferentes tendências do movimento psicanalítico como um todo. Vicariar as nossas insuficiências de tradição clínica, com iniciativas que criem ocasiões densas e continuadas de reflexão sobre a clínica que efetivamente praticamos, junto a analistas de lugares com mais tradição, é algo que eu não negligenciaria.

Gostaria, no entanto, de retomar o que dizia sobre o risco de descaracterização da prática psicanalítica, num contexto de rápida expansão da mesma, afirmando que se as garantias institucionais não são uma referência suficiente para assegurar que a psicanálise está "no lugar" e não "fora dele", é somente no terreno da interrogação dos conceitos que se poderá refletir sobre a especificidade psicanalítica de um tratamento.

A diversidade de bases conceituais presentes nas diferentes formalizações teóricas da clínica é um complicador para nosso problema, ao mesmo tempo que representa uma grande reserva potencial de saber, desde que se as entenda não como sistemas estanques e auto-suficientes, mas como podendo ser solicitadas a "trabalhar", para usar a expressão cara a Jean Laplanche, a partir de qualquer um dos conceitos dos demais sistemas. Acredito que cada um dos sistemas, dos ditos "avanços teóricos" da psicanálise, comportam, ao lado de seus pontos fortes, pontos fracos, inclinações próprias por onde se dá, em sua difusão, o redesenho caricatural, banalizado, das concepções originais. Tem-se a impressão, aliás, que estes avanços teóricos correspondem, por vezes, a uma reação contra a instalação na prática clínica e teórica de modos estereotipados de pensamento, que empobrecem a uma e a outra.

O analista "sem memória e sem desejo"... mas sobretudo sem saber prévio, vem substituir o analista que sabia tudo explicar e que não hesitava em fazê-lo, de um certo momento do kleinismo; o Eu reduzido à condição de lugar de todas as miragens e de fonte permanente de engodo por Lacan, contrapõe-se ao papel central atribuído ao Eu, na época, pela teoria e pela clínica da escola de Psicologia do Ego.

Na história recente, em nossa Sociedade (a de São Paulo), o impacto vivificador do pensamento de W. Bion, deu lugar, em seus desdobramentos locais, a uma preocupação quase exclusiva com uma modalidade de defesa que é a intelectualização e a um horror correlato à teoria e que resultou, no tempo de uma década, numa sorte de vazio de referências conceituais, complicado por uma certa confusão entre a necessária inventividade do analista na escuta do paciente e na teorização do caso, e a suposição, a meu ver, não megalomaniaca mas ingênua, de que qualquer articulação, às vezes pobre e, para usar o termo desta reunião, banal, deva pretender ao estatuto de uma recriação da psicanálise ex-nihilo, exigência creditada à criatividade e à liberdade de pensamento do analista.

Os impasses criados por esta evolução preocupou os próprios analistas que encontram na obra de Bion sua referência principal, obra que, paradoxalmente, é altamente elaborada no plano conceitual. A partir daí, continuo a dar minha versão pessoal das coisas, retomou-se, com afinco, a reflexão sobre o lugar da teoria. Foi preciso reconhecer que sem a explicitação de um certo número de conceitos não só não há diálogo possível entre analistas como, na falta de outra referência que a livre inspiração, ditada pelo "sentir" de cada analista, evolui-se para uma prática de contornos evanescentes e para uma diluição empobrecedora do pensamento teórico-clínico da comunidade. Subjetivismo extremado, em que cada um é suposto ter a sua psicanálise, a sua teoria, numa auto-suficiência que não encontra limites senão no contorno dos narcisismos pessoais ou de grupo.

Se deixarmos de lado o que eu chamaria jocosamente de "psicanálise do sentir", forma de degradação entrópica de um pensamento importante (o de Bion), podemos agora considerar esta espécie de musculação ou de cristalização das formulações conceituais, hoje quase ritualmente criticada e que tem ocorrido na difusão de outra obra de grande envergadura, a de Lacan. O movimento de banalização, neste caso, não se reconhece tanto na simplificação da teoria, mas num penoso

descompasso entre as questões formuladas pelo autor, não imediatamente inteligíveis no plano da experiência empírica de cada um e o tempo, necessariamente lento, para que possam ir fazendo sentido e adquirindo corpo, na prática da clínica. Esta, "a psicanálise intelectual", acaba reencontrando a modalidade da "psicanálise do sentir", aparentemente tão oposta a ela, quando passa a produzir um discurso que, dissociado das interpelações da experiência clínica ou a ela dirigidas, liberado deste lastro, desta inserção umbilical, põe-se a gravitar sobre si mesmo, numa circularidade infecunda em que a linguagem não tarda em se desgastar pelo uso repetitivo das mesmas fórmulas.

O que se perde, então, é a "capacidade especulativa/fictícia" dos conceitos metapsicológicos e o que Fédida chamou de capacidade de "loucura conceitual" em que, segundo ele, reside a "atividade clínico técnica do analista"<sup>2</sup>. É preciso pois, neste caso, poder recuperar a maleabilidade do pensamento e o uso imaginativo dos conceitos, de maneira que se restabeleça a sua função de permitir pensar as singularidades das situações clínicas. O rigor em nosso campo é inseparável da mobilidade imaginativa necessária à formulação do conceito, de maneira que este se mostre portador das potencialidades do pensamento clínico em que se nutre e que é capaz, por sua vez, de inspirar.

A condição para a necessária "loucura conceitual" depende, paradoxalmente, de um esforço sempre renovado, de clareza dos conceitos. As transformações imaginativas que se possa imprimir a um conceito, supõem e requerem o que chamarei de um princípio de inteligibilidade, operando em seu interior. Freud postula uma exigência de inteligibilidade (a elaboração secundária), operando desde o início, no âmago do trabalho do sonho e não apenas na elaboração da versão final, concatenada, deste. O que chamei de princípio de inteligibilidade no trabalho com os conceitos é algo, para mim, da mesma ordem, sendo, portanto, totalmente distinto do esforço reflexivo deliberado, por vezes, compensatório de momentos de dificuldade na escuta, bem como de construções racionalizantes plausíveis, explicativas, que se situam no plano de uma lógica causal. O insight, aliás, contém uma dimensão de inteligibilidade que nada tem a ver com movimentos defensivos intelectualizantes.

A apropriação de conceitos psicanalíticos passa, no entanto, em diferentes momentos de acumulação de experiência clínica e teórica, por tempos de compreensão racional, em que são discernidos através de formulações claras. É aqui que situo o interesse, para o psicanalista, de trabalhos realizados no âmbito de pesquisas universitárias. Não é a universidade mais um lugar em que a psicanálise está "fora do lugar?" As pesquisas ali desenvolvidas, além do interesse para outros campos do saber, podem também, deste ponto de vista, ter utilidade para o psicanalista, desde que este possa, em seguida, trazê-las para a penumbra movediça que, na mobilidade inventiva de sua escuta, pouco se preocupa com a contradição e com a precariedade fragmentária das construções que esta lhe inspira, podendo inclusive guardar, em relação a elas, uma certa dose de humor.

Espero ter indicado core isto um modo de ver sobre a função do conceito na psicanálise e alguns descaminhos em que esta função vai se perdendo. Quero, agora, retomar o nosso tema de maneira mais circunscrita, considerando estas referências fundamentais que são os conceitos de sexualidade, inconsciente e transferência.

Nietzsche diz em algum lugar que ele produz o trigo, enquanto que os outros, no andar de cima, fazem a farinha. As concepções freudianas sobre a sexualidade, expostas nos "Três ensaios", são, sem dúvida, trigo e trigo de boa colheita. A botânica descritiva das condutas sexuais, normais ou patológicas, da sexologia psiquiátrica da época, dá lugar ao conceito de libido, quantidade transformável e deslocável numa gama a priori ilimitada de configurações fantasmáticas, e que pode dar conta das mais diversas e sutis cristalizações do desejo sexual. Como sabemos, não só as atividades sexuais, mas toda e qualquer função do corpo, seja a função alimentar, as funções de excreção, o olhar, a voz e mesmo as emoções e os pensamentos, são passíveis de investimento libidinal. Ou seja, estas funções podem se tornar, em seu exercício, lugar de uma fruição equivalente ao prazer sexual, o que supõe uma dimensão fantasmática conflitiva, heterogênea e irredutível à função. Abertura conceitual que permite pensar o fato de que os sintomas neuróticos não incidem apenas sobre as funções sexuais, mas também sobre as não-sexuais: pensemos, por exemplo, na paralisia e na cegueira histerica, na anorexia mental, na inibição intelectual, na sexualização conflitiva do pensamento, na neurose obsessiva.

Este conceito, não só cria possibilidades explicativas para a psicogênese dos sintomas, como instrumenta a metapsicologia para dar conta da mobilização destes no tratamento psicanalítico, ao introduzir uma dimensão quantitativa, não mais abstrata, como ocorria até então, além do conceito de pulsão, que lhe é correlato. As pulsões são descritas como circuitos auto-eróticos que impõem uma exigência constante de trabalho psíquico e que respondem pela fixidez, pela tenacidade repetitiva do sintoma. Na autonomia radical que o caracteriza, o sintoma, de fato, impõe-se na experiência do neurótico como um quase nada, como um grão de areia na engrenagem, refratário à atividade integrativa e elaborativa do Eu. O conceito de pulsão vem reforçar a postulação de uma heterotopia no psiquismo a de um inconsciente tópico congruente com o caráter autônomo, inacessível do sintoma, já que é próprio do funcionamento da pulsão ignorar a vocação unitarizante do Eu. Embora a pessoa sinta uma penosa familiaridade em relação a seu sintoma, pois este é já uma elaboração familiarizante, integrativa, do estranho ao Eu, ele é vivido, na experiência da "miséria neurótica", como impossibilidade, como compulsão, que se impõe de uma forma que lhe é totalmente incompreensível e contra a qual nada pode. É esta inacessibilidade do sintoma à atividade psíquica voluntária do Eu que justifica o conceito de inconsciente, concebido como outro lugar irredutível ao Eu, bem como o de um circuito auto-erótico da pulsão, movido, numa atividade fragmentar, apenas pela busca de satisfação.

Pode-se pensar então o sintoma como tentativa sublimatória fracassada, e a análise como uma nova chance dada ao trabalho de sublimação, graças aos efeitos de simbolização que a situação analítica propicia, ao dispor pela reativação transferencial, da atualização dos conflitos pulsionais condensados no sintoma. O excelente trabalho de Joel Birman<sup>1</sup> sobre a sublimação nos encorajaria a conceber, desta maneira, a natureza das mudanças terapêuticas propiciadas por uma análise. A concepção de Fédida de que a análise favorece o que ele chama de "instauração do outro no autos do auto erotismo", formulação que isolada do texto soa hermética, mas que nos coloca na mesma direção.

O que me interessa afirmar aqui é minha opinião de que os conceitos de pulsão e de inconsciente articulados introduzem uma tensão interna, indispensável, na concepção do tratamento analítico. A sua negligência abre para um afrouxamento tendencial, tanto no plano da prática clínica como no de sua conceitualização, e que vai na direção da restauração da familiaridade própria às relações interpessoais, baseadas, mesmo que o analista guarde uma certa reserva, em qualidades humanas como a sensibilidade, a empatia, a simpatia pelo sofrimento do outro, a disponibilidade compreensiva e introspectiva, inclusive em relação aos próprios sentimentos, qualidades que são de grande valor na vida e na análise, que podem ser terapêuticas, mas que não são suficientes para assegurar as condições para que um processo analítico possa ocorrer. Nesta vertente degradativa, a análise passa a ser entendida como "relação entre duas pessoas" e os conceitos, de transferência e de contratransferência, reduzidos ao que estas possam perceber do que sentem e vivem no "aqui e agora" da interação, excluído o "estrangeiro irredutível" que a permeia. Como conceber a transferência, sem supormos o pulsional inconsciente em sua dimensão atemporal; sem supormos temporalidades subjetivas complexas que, insinuando-se na fala do analisando como indícios insistentes, a

escuta do analista, em sua arte, acabará por apreender, Freud diria adivinhar? Como conceber o "aqui e agora" da situação analítica reduzido a uma aceção cronológica do tempo da sessão, sem ver ali a psicanálise transformada numa espécie de exercício de introspecção a dois, numa terapia da relação?

Não é meu propósito aqui questionar as diferentes doutrinas e concepções da análise, pois acredito que os conceitos a que estou dando tanta importância podem encontrar-se nelas, formulados em outras linguagens conceituais. O que estou procurando localizar são os pontos por onde a descaracterização, a banalização da psicanálise, pode ocorrer e as formas que esta pode assumir.

Quando a uma fala do analisando o analista responde no mesmo plano, como se se tratasse de uma conversa qualquer, pensaremos que se trata de um momento resistencial do analista, a menos que corresponda, excepcionalmente, a uma intervenção tática. Ora, a banalização neste caso é uma forma de resistência à análise que, aliás, pode ocorrer e ocorre em um momento ou outro de qualquer tratamento psicanalítico.

Algumas formas de banalização mais caricaturais que descrevi não são senão, em última análise, modalidades mais maciças de resistência. Nestas condições há outra coisa no lugar da análise: ela está "fora do lugar"...

Não quero concluir, antes de lembrar os desenvolvimentos que a teoria da libido sofreu para dar conta das perturbações na economia narcísica do Eu, a partir, em particular, do estudo das psicoses. Com a introdução do narcisismo, à oposição Eu-pulsão, acrescentou-se a oposição libido do Eu-libido de objeto, mas sobretudo a oposição amor ódio. Esta última é estreitamente ligada à dialética intersubjetiva constitutiva do Eu<sup>3</sup>. O ódio é concebido como originariamente ódio do outro, do que não é Eu, enquanto que o amor é concebido, metapsicologicamente como uma espécie de coalescência de pulsões eróticas dessexualizadas e capturadas pelo Eu. Ora, é fácil perceber que o abandono da primeira oposição, Eu-pulsão, pela segunda, amor-ódio, que não é senão um desdobramento da primeira, poderia levar na direção que eu apontava há pouco de uma terapia compreensiva do amor, humana, demasiado humana, ao desconhecer os fundamentos pulsionais do amor e as armadilhas que lhe são próprias, já presentes na gênese intersubjetiva do Eu.

## Summary

### Psychoanalysis out of place: the banalization of psychoanalytical concepts

Bearing in mind the present context of a rapid expansion of psychoanalysis in our milieu, the author considers some vertices through which, when theoretical concepts become common place, banal, discharacterized modalities of clinical practice are created.

From this perspective, the author considers that some concepts are indispensable references to analytical clinical practice that of sexuality and drive (instinct), that of the unconscious and transference. He also discusses the occurrence of some of their "banalized" versions in the consulting room. He raises the hypothesis that in those trends that do not give a prominent status to these concepts, other concepts essentially equivalent to them play a similar role.

## Referências

1. BIRMAN, J. (1988). "Alquimia no sexual". In Teoria da prática psicanalítica (n° 6).Campus, pp. 65 92.
2. FÉDIDA, P. "Nome, figura e memória". São Paulo: Escuta,1991, p.46.
3. MENEZES, L.C. "Questões sobre o ódio e a destrutividade na metapsicologia freudiana". Revista Percurso, n° 7 (1991), pp. 17 23.

## Luis Carlos Menezes

Rua Boquim, 418 Vila Ida  
05454-001 São Paulo - SP

© Revista de Psicanálise - SPPA

---

\* Trabalho apresentado em mesa redonda, no XIV Congresso Brasileiro de Psicanálise (Rio de Janeiro, 1993). Este tema foi proposto pelos organizadores.

\*\* Membro Efetivo da SBPSP.